

**Entediada e com saudades do México, Frida resolve pintar um novo quadro, em que se retrata na fronteira entre os Estados Unidos e sua terra natal. Confira:**

### **Na fronteira do México com os Estados Unidos**

*Esta cidade [Detroit] parece uma velha aldeia miserável. Não gosto nada dela, mas estou feliz porque Diego aqui trabalha com entusiasmo 9...0. A parte industrial de Detroit é mesmo a mais interessante, o resto é, como por toda parte nos Estados Unidos, horroroso e besta.*

Frida Kahlo

[...]

Durante semanas, Diego visita as fábricas de Detroit, enche seus cadernos de croquis dos prédios e do material que eles encerram. Corre de um lugar para outro, manifesta uma grande curiosidade e muito entusiasmo. Sente-se dedicado de corpo e alma à nova tarefa.

[...]

Diego quase nunca estava em casa, assim ela [Frida] dispunha de todo o tempo para trabalhar. À luz do dia, o quadro tomava forma, revelando o seu mundo de então, ordenando-o. À sua esquerda, os Estados Unidos, talvez somente Detroit: canalizações, aparelhos e fios elétricos; no fundo, uma fábrica sobre cujas chaminés está escrito FORD e cuja fumaça forma uma nuvem; edifícios. À sua direita, um templo asteca, vestígios pré-colombianos; no céu, o sol e a lua, e, sobretudo, plantas e flores cujas raízes são pintadas de perfil. De pé entre esses dois mundos tão opostos - aquele onde ela tem raízes e aquele que é ligado ao primeiro apenas pelo contato elétrico- com um vestido longo cor-de rosa e usando luvas longas, como se estivesse pronta para ir a uma festa, Frida sempre séria. Suas espessas sobancelhas pretas, juntando-se na testa, como asas de pássaro: símbolo do rosto de Frida; símbolo também de sua vontade de partir, de alçar voo mesmo, se não puder andar; símbolo de suas fugas imaginárias, em suma.

JAMIS, Rauda. Frida Kahlo. 3 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2015. pp. 189-190.